
HERRENSCHIMDT, Clarisse. *Les trois écritures. Langue, nombre, code*. Bibliothèque des Sciences Humaines. Paris: Gallimard, 2007. 514 p. ISBN 978-2-07-076025-1.

O recente livro de Clarisse Herrenschmidt se mostra o resultado amadurecido da reunião de artigos e palestras de períodos anteriores, em sua maior parte reescritos, e também da reestruturação de algumas das idéias por ela apresentadas em *L'Orient ancien et nous. L'écriture, la raison, les dieux*, ao lado de Jean Bottéro e Jean-Pierre Vernant.¹ Já no prefácio (p. I-VII), a autora assinala a que vem o texto e bem delimita as três seções que constituem a presente obra, cada qual a desenvolver as palavras-chave anunciadas no título (*i.e.*, língua, número e código) e a cobrir datações particulares (*ca.* 3000 a.C., *ca.* 620 a.C., e de 1930 aos dias de hoje) que virão apresentadas a seu turno e cronologicamente. Três pequenas introduções preparam, com efeito, a leitura de cada uma das partes mencionadas, havendo, ao fim da obra, um breve comentário de encerramento (p. 499-502), em que se avalia em que medida se podem chamar de revolução as dife-

rentes trajetórias de escrita narradas e em que se relatam as suas possíveis implicações para o homem ocidental diante do que a autora chama de “aventura semiológica” (p. 438). Ao longo dessas seções, notas de rodapé são usadas parcimoniosamente, sendo a sua numeração reiniciada a cada página, o que até certo ponto dificulta a consulta posterior às referências citadas, dada a ausência de uma seção final com a listagem das obras a que se possa reportar. O sumário, por outro lado, guia a leitura de modo formidável, com generosas subseções de apresentação do conteúdo. Quanto às informações sobre os artigos da autora que vieram a lume em *Le Débat*, estas se encontram posteriormente, ao lado de uma relação de agradecimentos, no posfácio (p. 503-505).

Das três seções, a primeira (*De l'écriture des langues*, p. 15-219) é a de maior interesse para a área de estudos clássicos e, por essa justa razão, apresentam-se aqui as suas contribuições capítulo a capítulo. No primeiro deles (p. 17-64), a investigação conduzida propõe que se reflita sobre a relação entre as línguas e o mundo por meio dos signos de escrita empregados ao longo da história. Em sua pesquisa acerca das sociedades gráficas, a autora se dedica inicialmente a descrever o sistema da escrita cuneiforme de 3000 a.C. e a definir os conceitos de logograma, ideograma e pictograma, o que lhe possibilita, em momento posterior, abordar

¹ Bottéro, Jean; Herrenschmidt, Clarisse; Vernant, Jean-Pierre. *L'Orient ancien et nous. L'écriture, la raison, les dieux*. Paris: Éditions Albin Michel. 1996.

a função metalingüística da linguagem. O segundo recorte se ocupa das línguas semíticas, dos empréstimos a partir da herança suméria, e de como elas denotam uma orientação cultural que privilegia, defende Herrenschmidt, o ponto de vista do ouvinte, e não do falante, cuja perspectiva se fará ver na grafia, em signos lingüísticos de base silábica. Segue o tratamento dos alfabetos consonânticos e da importância das *matres lectionis* como auxílio à leitura, momento em que, por comparação, discutem-se os ganhos advindos do vocalismo grego, da equivalência entre letra e fonema, bem como do que a lingüística viria a denominar mais tarde convencionalismo e arbitrariedade do signo.

No segundo capítulo (p. 65-99), descrição detalhada se faz do processo de transformação da escrita, a começar da cerâmica em argila produzida nas regiões da antiga Suméria ocupadas atualmente pelo Irã e pelo Iraque, documentos “marginais” (p. 75) que abrigam e conservam em seu suporte material muito da vida cotidiana e econômica daqueles povos; em seguida, volta-se o olhar para a escrita proto-elamita, a elamita linear e a elamita em caracteres cuneiformes. Ênfase é dada, então, a como a escrita se revela o intermédio por excelência entre os homens e os deuses. Personificações do Estado, sustenta a autora, são os reis elamitas a propiciar e fomentar os sistemas gráfi-

cos, ao incentivar a escrita de textos de fundação e dedicar outros à documentação de edifícios religiosos. Coadunam-se, assim, escrita e Estado, Estado e religião, religião e escrita.

No terceiro capítulo (p. 100-133), são retomados alguns dos conceitos vistos ao longo do primeiro, dedicado que é ao exame de três modos de escrita: o alfabeto consonântico, o alfabeto grego, e a escrita cuneiforme do velho-persa. Percorrem-se ali o sistema de acrofonia e o grafismo egípcio, o empréstimo do alfabeto fenício ao grego, inovações como a separação entre palavras, mas, sobretudo, a dissociação criada entre leitura e compreensão, em comparação com o imbricamento de ambas, na Pérsia, pelo que se expõe tratar-se do princípio de economia gráfica. Atenta a analogias, Herrenschmidt propõe, em seguida, que “o alfabeto completo introduz o dualismo corpo / espírito” (p. 123) e, por fim, que “essas escritas, como toda escrita, fazem com que a linguagem passe do invisível ao visível [...]. Os alfabetos constituem o ponto de aplicação deste invisível” (p.132). Posterior alusão (p. 224-225) é feita ao alfabeto romano e às suas apropriações gregas e etruscas, sem que lhe seja dedicado, contudo, espaço de discussão. Citem-se em tempo, por seu turno, as contribuições de M. Lejeune, “Sur les adaptations de l’alphabet étrusque aux langues indo-européennes d’Italie”, *REL* 35, 88-105, 1957 e, de Françoise

Desbordes, *Idées romaines sur l'écriture*. Presses Universitaires de Lille. 1990,² de grande valia ao tema.

O capítulo seguinte (p. 134-188) estabelece algumas relações entre a teoria masdeísta da linguagem e os sistemas gráficos no atual Irã, em que se destaca a importância da escrita no rito religioso; já na Grécia, lembrança é feita aos textos de Heródoto, em torno das guerras médicas, e a Tucídides, acerca da guerra do Peloponeso, para a defesa de que a escrita desempenhou “um papel de guardião do social” (p. 163), desde que se possa pensar uma fundação de uma ordem social nova sobre as leis, escritas, em contraposição aos decretos orais. Política e escrita são exploradas segundo *A constituição de Atenas* de Aristóteles, em que atenção particular é dada aos significados de *graphe* como “ação de justiça”, em *graphe paronomon*, além de seu sentido tradicional de “escrita” (p. 169). Ao final, atenção é dada em particular à transmissão da palavra via a origem divina da linguagem, quando, ao mencionar os massoretas, a autora já adianta algo do capítulo se-

guinte, em que tratará da Bíblia em língua hebraica.

O último capítulo (p. 189-219) dessa seção trata do lugar da recitação em culturas orais e da sua função de retransmissão e renovação da cultura, tendo como cerne a defesa da escrita como matriz a partir da qual se pense o homem e, daí, o seu importante papel na construção dos mitos de emergência; para tal, a autora se vale do Poema de Atrahasis, em língua acádia; de trechos do Gênesis da Bíblia, em língua hebraica, e do mito de Pandora segundo a *Teogonia* hesiódica, em língua grega. Novas considerações são feitas, então, sobre a invisibilidade que toma forma a partir da retomada escrita do componente oral dos mitos e sobre o papel dos signos na sua expressão (p. 206; p. 217).

Quando se passa à segunda seção a compor a obra, *L'écriture monétaire arithmétique* (p. 223-383), abrem-se novos cinco capítulos. Por ser seu escopo demasiado abrangente, da Grécia de VII a.C. à presidência de Richard Nixon, percebe-se a imposição ao estudo de um tratamento horizontal, em que descrições ocupam a maior parte da investigação, que em alguns momentos poderiam ter vindo auxiliadas por gravuras, como fez a autora quando da descrição dos *calculi* elamitas (p. 71-72; 75). Herrenschildt aborda, nesse momento, os diversos procedimentos de escrita que têm por base os números, sendo ressaltado o seu

² Ver também, de Françoise Desbordes, em co-autoria com Marc Baratin, *L'analyse linguistique dans l'Antiquité classique*. Klincksieck, 1991, e, em nova co-autoria com Geneviève Clerico, Bernard Colombat e Jean Soubiran, *Idées grecques et romaines sur le langage: Travaux d'histoire et d'épistémologie*. ENS, 2007.

caráter de signo e de entidade aritmética, e a todo o tempo buscado o seu caráter gráfico, o que direciona a pesquisa para a função da moeda cunhada como um “meio de troca e de comunicação, um pouco ao modo de uma língua” (p. 225). De especial interesse para os estudiosos clássicos, deve-se dizer, são tanto o capítulo em que a moeda é vista como instrumento de justiça em Aristóteles a partir dos trechos V, 6-V, 8 da *Ética a Nicômaco* (p. 289-299), quanto o seguinte, *Monnaie et langage* (p. 299-306), em que Herreschmidt aborda o “paralelismo entre as invenções da escrita em sentido geral e a moeda cunhada como suporte da escrita aritmética” (p. 302). Voltam, então, a ganhar importância na discussão as relações de troca, quando se inicia aqui a descrição de figurações possíveis do número, desde as cifras indo-arábicas até a distinção entre moeda e letra de câmbio, sendo claramente valorizado um percurso semiológico monetário.

A terceira seção (*L'écriture informatique et réticulaire*, p. 387-498), por fim, dialoga pouco com as duas primeiras, podendo mesmo ser lida independentemente. Seu conteúdo, o da informática, traz como justificativa à pesquisa o quanto “tentar reconstruir as linhas de uma semiologia histórica e antropológica das escritas do velho Oriente, da Europa e do Ocidente exige afrontá-la” (p. 390). Sendo assim, ao longo da exposição sobre o funcionamento de um computador, Herreschmidt es-

tabelece diferenças como entre dado e informação, código e simulacro, dado virtual e material, com vistas a demarcar a “linguagem-máquina” (p. 400) como aquela que lida de forma binária com a informação e como a que se relaciona com a memória e o tempo, de forma a resguardar a primeira por meio de um dispositivo de armazenamento de dados. A autora marca, então, o momento em que o cálculo se iguala à escrita, o efeito social e econômico do surgimento de computadores em rede meio ao período da Guerra Fria, e a constatação de uma nova economia que não mais se ergue sobre o valor de metais preciosos, como outrora, mas sobre a impressão em papel e cartões numéricos.

Como em *L'Orient ancien et nous. L'écriture, la raison, les dieux*, Herreschmidt volta a se valer da analogia com partes do corpo humano em sua explicitação de práticas sociais que tomam por base algum tipo de escrita. Estaria aqui, defende a autora, o ponto de contato entre as chamadas “três revoluções da escrita”; a saber, na “idéia de externalizar um órgão humano animado por seu fluido” (p. 444). De igual recorrência é a busca de elementos que tornam visível algum aspecto invisível da linguagem em sua relação com o mundo: passam por essa questão os *calculi* do velho Oriente pelas marcas que traziam na superfície, a moeda cunhada na Grécia como representante de unidade sociopolítica da cidade, mas também a

tela de computador, por gerar um novo tipo de visibilidade ao que já era visível (p. 422).

Tout compte fait, o livro de Herrenschmidt privilegia uma nova apresentação do que vem constituindo o seu percurso intelectual sobre os temas que há algum tempo se afirmam como seu objeto de pesquisa. Por ultrapassar o período histórico e as fronteiras geográficas a que os clacissistas tradicionalmente se dedicam, a comparação proposta entre os três sistemas de escrita beneficia-os de modo particular; por seu caráter multidisciplinar, nas áreas da antropologia, dos estudos culturais e da lingüística, por sua vez, decer-

to despertará interesse pelas análises mais gerais.

FERNANDA MESSEDER
MOURA*

Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

NOTA

- * Mestre pelo PPG Letras Cássicas da UFRJ e doutoranda do PPG Letras Clássicas da FFLCH/USP.